

DF- Cidade Estrutural cresce e quebra acordo

IMPRESSO DE CUIABÁ

12 JUN 1996

Novos barracos são de 80 moradores da antiga invasão do Lixão, que não foram cadastrados e estão com destino incerto

Fredson Charlson
Da equipe do Correio

Amanhã foi bem movimentada, ontem, na invasão denominada Baixa Estrutural. Dezenas de moradores de três invasões — a invasão antiga da Estrutural, a invasão do Lixão e a invasão nova denominada Baixa Estrutural —, realizaram, sob sol e poeira, uma manifestação contra a ameaça de derrubada de lotes no local, feita por oito funcionários do Siv-Solo.

A manifestação começou às 9h15, quando fiscais do governo, acompanhados de seis policiais militares, chegaram à invasão para remover ou derrubar 80 barracos considerados irregulares e que foram levantados nos últimos dias por moradores do Lixão e por famílias de fora da invasão, vindas de outras cidades.

Havia um acordo entre o Siv-Solo e a Asmoes (Associação dos Moradores da Estrutura), que previa a proibição de construção de barracos novos na área desde o dia 26 de janeiro último.

Ontem, o conflito não teve maiores proporções. Ocorreu apenas na base das ameaças, acusações verbais e um ou outro empurrão. Os moradores das invasões acusaram os fiscais do Siv-Solo de utilizarem a força para derrubar os barracos. “Temos como evitar a entrada de novos invasores. Isso se os fiscais do Siv-Solo e a Polícia Militar prometerem não derrubar mais nenhum barraco”, argumentou Paulo Henrique Fontana, 28 anos, há 11 anos morador do Lixão.

SEM DIÁLOGO

Apesar dos apelos dos fiscais do Siv-Solo, os moradores não quiseram conversa. Demonstrando bastante vontade e poder de decisão, eles interromperam o trabalho dos fiscais. Receberam a equipe do GDF, comandada pelo coordenador da Estrutural, Cláudio Martins, com barricadas formadas por paus e pedras. Alguns moradores também estavam armados com facas.

Colocaram fogo em uma pilha de pneus que impedia a passagem dos carros do Siv-Solo e da Polícia Mili-

tar. Os moradores ainda chegaram a trocar empurrões com o coordenador da Estrutural, que acabou saindo do conflito com um hematoma no braço.

“Fomos agredidos e chegamos a ver alguns moradores armados. Não precisava disso tudo. A operação é apenas para desmontar barracos construídos de maneira irregular. Queremos evitar novos invasores”, contou, um pouco assustado, Cláudio Martins. A polícia não interveio no conflito. Os fiscais do Siv-Solo não reagiram. “Só não sei dizer como será minha reação no caso de apontarem uma arma para mim. Na hora do confronto é a pessoa ou eu”, disse o coordenador da Estrutural.

Ele afirmou ainda que acredita que quatro integrantes do MST (Movimento dos Sem-Terra) estão infiltrados na invasão. “Percebi isso pelo modo como a manifestação foi realizada. Tática, técnica, queima de pneus e distribuição dos moradores da invasão pelas ruas. É coisa de profissional”, arriscou.

CASO COMPLICADO

A questão é complicada. Teve início com a desocupação da invasão do Lixão pelo SLU (Serviço de Limpeza Urbana). Áreas foram desocupadas e cercadas. Os moradores, alguns com quase 15 anos de

Lixão, tiveram que desmontar os barracos. Resolveram montar as moradias na invasão nova da Estrutural. Foram os barracos destes antigos moradores que o Siv-Solo e a PM tentaram derrubar.

O problema é que os invasores do Lixão não estavam cadastrados na Asmoes (Associação dos Moradores da Estrutura). “Eram moradores antigos da área que julgávamos cadastrados. Eles se sentiam garantidos por morarem no Lixão durante esse tempo todo, mas não estão cadastrados nem comigo nem com a antiga Shis e o atual Idhab”, afirmou Marlene Mendes, presidente da Asmoes.

A líder dos moradores das invasões, Marlene Mendes, explicou que os moradores do Lixão querem um tratamento igual ao dispensado aos moradores da invasão antiga da Estrutural. “Eu cadastrei 2.120 lotes da antiga invasão da Estrutural, mas comecei a contar a partir do número 705, acreditando que os outros 704 moradores do Lixão estavam cadastrados. Daí é que vem a confusão”.

REAÇÃO CONDENADA

“Estamos fazendo um trabalho que favorece os moradores mais antigos e eles reagem dessa forma. Aqui na invasão há pessoas que estão sem registro na Asmoes, na

Shis, no Idhab. Fizemos um acordo com a Asmoes para transferir os invasores da antiga Estrutural e instalá-los na nova área, a Baixa Estrutural. O objetivo é liberar a área que será transformada no Setor Complementar de Indústrias do Guará (SCIG)”, explicou Cláudio Martins.

Os moradores das três invasões estavam revoltados. Os do Lixão se consideram injustiçados por estarem sendo expulsos de um local em que vivem há muitos anos e de onde tiram o seu sustento. Os moradores da antiga invasão da Estrutural querem pressa na remoção dos próprios barracos para a área da Baixa Estrutural e a construção de prédios de interesse da comunidade. E os moradores da Baixa Estrutural simplesmente não querem ser removidos de onde estão.

“Moro aqui há 11 anos e sou cadastrado da Shis há mais de cinco. Vivo disso, do trabalho de catar e vender lixo. O governo não tem o direito de derrubar os barracos cadastrados na Asmoes e muito menos os da Shis. Só essa semana, o Siv-Solo derrubou seis barracos. Não se pode vir com ignorância e apontar armas para as crianças. Senão, pode acontecer aqui na Estrutural uma tragédia semelhante a dos sem-terra do Pará”, desabafou um morador que não quis se identificar.